



Director literario:

*Arquitectura*  
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

*Guarcolletts*  
PAPUSSE

# ILUSÃO de ÓTICA

— (DUMA ANEDÓTA) —



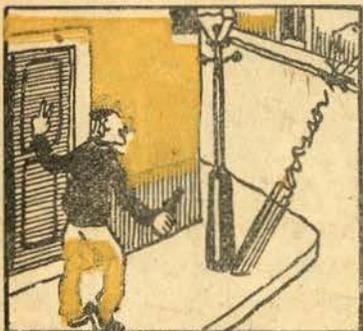
«Fala-Só» grande borracho.  
Amante do belo bago,  
Liquefeito e não em cacho,  
Do que se bebe dum trago.



Depois de muito emborcar,  
Em dia de São Martinho,  
Resolveu ir passear  
Com a garrafa do vinho.



Palrando como uma arara,  
Cada vez mais piteireiro,  
Aos tombos, súbito pára  
Em frente dum candieiro.



Com o dom da dupla vista,  
Aos bordos:— pum, catapum:...  
Dois candieiros avista  
Onde estava apenas um.



Vou passar entre êles dois...  
«Fala-Só» consigo diz;  
Tateia, segue... depois,  
Bumba... achatou o nariz!



E ao sentir bastante mal  
O narigão, desta vez,  
Diz convencido:—afinal  
Não eram dois... eram três!



# A PRINCESA D. SAPA

POR ZINA CABRAL

DESENHOS DE EDUARDO MALTA



ERA uma vez um rei que tinha três filhos. Encontrando-se bastante fatigado pela avançada idade que possuía e pelo trabalho insano em governar com acerto durante tantos anos todo o enorme reino, resolveu abdicar a favor daquele dos seus filhos que mais provas desse de competência para mistér tão árduo.

Entregou-lhes igual quantia de dinheiro e um soberbo cavalo a cada um e ordenou-lhes

que partissem imediatamente à procura de noivas e dentro de um ano as trouxessem para os palácios que nas vésperas lhes oferecera.

Partiram os três príncipes e, juntos, seguiram a mesma estrada arborizada, fronteira ao palácio real, no fim da qual hesitaram algum tempo à vista de três outras largas estradas em que a primeira se repartia.

Por último, trocaram-se despedidas. O mais velho partiu ao trote largo do cavalo pelo caminho da direita. O mais novo meteu-se pelo da esquerda. O outro, foi pelo que lhe restava livre.

Seguiu cada um seu destino bem diferente.

O primogénito, como gostava pouco de se incomodar e preocupar, deixou o cavalo ir ao acaso e foi ter ao reino vizinho, onde logo se resolveu a pedir em casamento a única princesa solteira.

O imediato, um tanto escrupuloso, foi por diversos reinos e escolheu a princesa mais formosa.

O terceiro, sem olhar a estirpe, procurou a mulher mais pura de sentimentos e mais culta de espirito que no mundo houvesse.

Como não encontrasse companheira digna, estava já de volta, aborrecido, quando avistou uma enorme ribeira de águas límpidas como cristal.

Achegando-se-lhe às margens, debruçou-se e exclamou desalentado:

— Ai! Quem me dera uma esposa carinhosa, tão pura como esta água e dona de um espirito tão scintilante, como scintilantes são as alvas pedrinhas que guarnecem o fundo desta ribeira...

E ao notar um sapo a coaxar junto à margem, tornou:

— Ai! Quem me dera, ainda que fôsse uma sapa!

Palavras não eram ditas, viu com espanto crescente, rumorejarem as águas, abrirem-se e uma jovem elegante, ricamente adornada, sair e dar-lhe o braço:

— Aqui estou, meu príncipe. Partamos sem demora.

A esta súbita aparição, o príncipe recuou e verificou que, na verdade, a dama tinha o rosto como o focinho do sapos.

Tremeu... ficou indeciso...

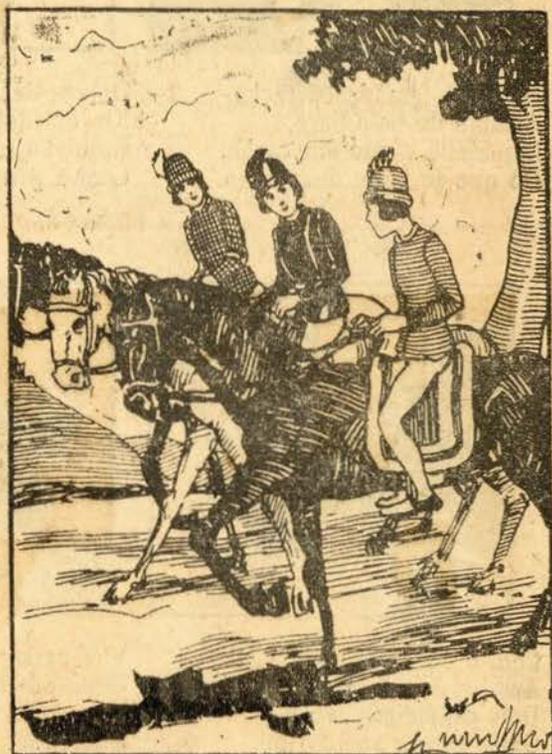
Mas «palavra de rei não volta atrás» e como filho de rei, compreendeu o castigo de Deus pelas suas levianas palavras de há pouco, esforçou por se mostrar contente e afovel e partiu a cavalo com a jovem enigmática.

Quando chegou ao seu palácio, um pagem gentil informou-o de que os outros dois irmãos o haviam antecedido apenas uns minutos e logo certo mensageiro correu veloz a levar a notícia ao rei.

Fazia precisamente um ano que os príncipes haviam partido. Cumpriram, portanto, a sua palavra.

O rei para saber qual das três futuras noras seria a melhor administradora e zeladora de seus bens, enviou a cada uma um lindo cãozinho branco e a ordem expressa de lho tornarem, três meses passados.

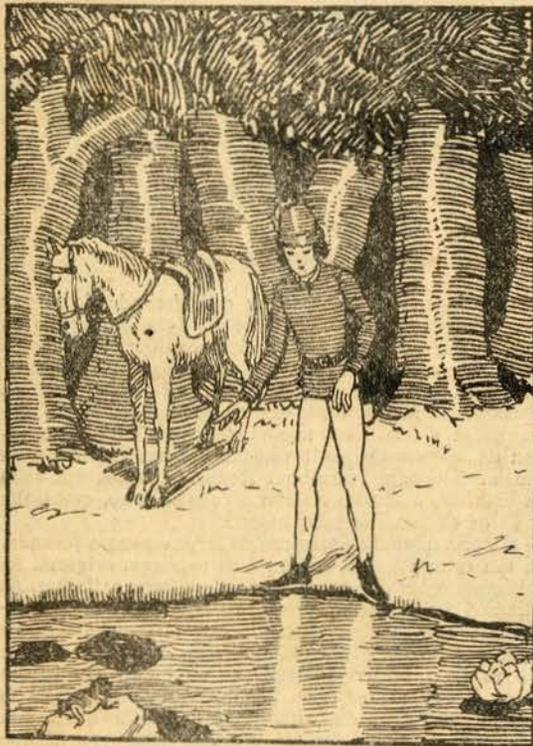
Ao receber o animal, uma criada partiu do palácio da D. Sapa aos palácios das princesas:



— A senhora D. Sapa manda pedir o favor de lhe emprestarem ou venderem grande porção de peles de toucinho para alimentar o cãozinho que o senhor rei agora mesmo lhe enviou.

As princesas, que eram orgulhosas, logo responderam com soberberia:

— Diga à senhora D. Sapa que o senhor rei também nos



mandou uns cãesinhos e as peles de toucinho que cá temos, precisamos delas para os alimentar.

As princesas, desmazeladas e desconhecedoras dos cui dados a prestar aos animais que havia sempre nos palácio nem mais se importaram com os cãesitos, mandando-lhes somente dar todos os dias uma lauta refeição de peles de toucinho.

A D. Sapa, senhora meticulosa e excelente dona de casa, lavava o animal e penteava-o diariamente, alimentando-o muito bem, dando-lhe bolinhos, leite, carne e peixe.

Findos os três meses, o rei surpreendeu-se ao receber os dois cães devolvidos pelas princesas. Metiam dó: sujos... esgalgados... temendo a aproximação de alguém...

O outro... era um regalo olhar-se: alvo, limpo, nédio, semelhava uma interessante bola de algodão em rama!... E meigo... muito meigo...

Resolveu submetê-las a uma segunda experiência e enviou-lhes uma fina toalha de mãos para ser bordada no prazo de um mês.

Logo ao palácio das princesas voltou a criada da D. Sapa.

— A senhora manda pedir o favor de lhe venderem ou emprestarem uns novelos de guita para bordar uma toalha que o senhor rei lhe enviou.

— Diga à senhora D. Sapa que também nós cá temos umas toalhas para bordar e precisamos das guitas que há em palácio.

A admiração do rei recrudescera ao receber as três toalhas. As duas das princesas haviam sido terrivelmente pespontadas a cordeis de cores e a da D. Sapa estava um encanto—artisticamente bordada com as mais finas sédas!... Dir-se-ia um trabalho executado por anjos celestiais e não por mãos humanas!

Resolveu-se o rei a conhecer pessoalmente as suas três futuras noras, para o que as convidou a assistir à festa dada no palácio real, em honra do príncipe herdeiro, recolhido então dentre os seus três filhos.

Como só havia quinze dias de permeio, a azáfama era enorme. Os convidados procediam com cuidado à escolha de vestuários faustosos. Os lacaios pressurosos adornavam

o Palácio e, sobretudo, as salas principais, com galas sôbrias onde se destacavam sobremaneira os ornatos com brilhantes, esmeraldas, safiras, rubis entre veludos e moveis de incrustações de ouro fino e madrepérola.

Na véspera do grande dia festivo, a criada grave de D. Sapa acorria às princesas:

— O senhor rei convidou a senhora D. Sapa para uma grandiosa festa palaciana e a senhora manda pedir o favor de lhe emprestarem, só por uns momentos, as melhores navalhas de barba. Usa-se a cabeça rapada e a senhora D. Sapa vai apresentar-se no rigor da moda.

— Diga à senhora que também nós fomos convidadas e também iremos pelo último figurino, por isso necessitamos das navalhas que ha cá no palácio.

E a toda a pressa chamaram as aias para com as navalhas bem afiadas lhes raparem as cabeças, muito rapadinhas e assim se apresentarem no palácio, onde as suas figuras grotescas, provocaram hilaridade interminável.

A D. Sapa, essa, belamente penteada e vestida, sobriamente adornada, elegante e de formas esculturais, causou sensação.

Ao lado do príncipe, seu futuro esposo, entrou na sala de recepção e ao passar a porta de entrada o rosto horrendo transformou-se-lhe no mais lindo rosto de mulher.

E' que a D. Sapa era uma princesa muito bela e rica que havia sido encantada por uma fada perversa e invejosa. O seu encanto só quebraria quando um príncipe a quizesse por esposa, e assim viveu dois longos anos no seu encantamento da Ribeira, até que aquele jovem a salvara.

Foi um deslumbramento a sua beleza, o seu olhar acariciador, o seu sorriso meigo.

Ao redor, os cortejões romperam em aplausos frenéticos!

O rei que já havia ajuizado anteriormente da sapiência da D. Sapa, ficou tão contente ao vê-la, que logo a elegeu rainha colocando-lhe sobre a fronte o diadema real e poisan-do a sua própria corôa sôbre a cabeça do filho.

Um bispo presente uniu então os dois noivos e abençoou-os, enquanto os outros príncipes, envergonhados, corriam a esconder-se com as noivas numa terra bem feia e longínqua.

O antigo monarca viveu muitos anos ainda, por isso go-sou das carícias de um lindo casal de netos e teve o sumo



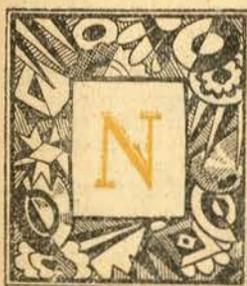
prazer de ver o seu reino progredir sôb uma bem sábia administração.

Quem contou está ali...  
Quem leu está aqui;  
Quem quiser saber  
Córra e vá lá ver!

# O CAPITÃO SOMBRA

Por PEDRO DE MENEZES

Desenhos de EDUARDO MALTA



O meio dum bosque, numa aldeia pequena, existia uma casa alta e vermelha que parecia, vista de longe, tão vermelha ela era, um grande incêndio. Era uma velha casa sem portas, de telhados em bico, de janelas como seteiras, nas quais se viam vidraças da mesma cor das paredes e dentro da qual morava, diziam, um feiteiro com uma cara sinistra e com uns dedos tão longos e aguçados que termi-

navam em agulhas. Nunca foi visto a não ser por detrás dos vidros e afirmavam que, de noite, ele saía de casa transformado em coruja, levantando vôo desde o parapeito da janela mais elevada, indo poisar não se sabe bem onde. Diziam que pessoa a que ele tivesse ódio, lhe sofreria as conseqüências, enfeitando-a imediatamente. Alguns acrescentavam a essas lendas, ainda a de que as pedras que ladeavam a ribeira que corria ao fundo da aldeia, eram outras tantas pastorinhas que a sua maldade enfeitara. Fosse como fosse, o que é certo é que todos lhe tinham muito medo e que poucos se afoitavam a passar perto da casa vermelha.

Numa campina próxima da misteriosa morada do feiteiro, andava de há muito uma cabrinha amarela como o trigo, que onde quer que mordesse a relva da pastagem, nascia uma florinha da sua cor e quando com tristeza acordava os écos, balando, a mais profunda mágoa surgia na alma de quem a escutava. Ninguém sabia que pastora a conduzia até lá, quem a guardava, nem donde tinha vindo. Havia quem afirmasse que não era coisa boa, que era algum bruxedo, chegando-se a acusar o famoso feiteiro como principal causador. Passaram-se alguns meses. Continuava a gente do sítio com o receio de sempre, quando numa determinada noite de outono, noite de lua, linda e serena, alguns vizinhos puderam ver, com bastante susto, uma sombra que o luar projectava na estrada, sombra dum homem que vinha a cavalo e que devia ser de gigantesca estatura, conduzindo em uma das mãos uma longa e afilada lança. Todos procuravam o cavaleiro que tal sombra produzia mas, por mais que procurassem, não o puderam encontrar. Quem seria? Que outro mistério era aquele que assim vinha desorientar a serena gente da aldeia?

Preguntaram uns aos outros e ninguém sabia responder. Numa noite, os aldeãos resolveram assistir à passagem desse estranho homem. A determinada hora, o luar projectou como nas noites anteriores, a alongada sombra sobre a terra branca da estrada e viram que seguia a passo sem ruído, até junto da encruzilhada do fim da aldeia e ali, depois de parar um momento, cortava à esquerda e seguia o caminho que conduzia à campina onde apascentava a misteriosa cabrinha. Como iam seguindo a enigmática sombra, puderam então ver que, perto da já célebre campina, a sombra parara e se apeara alguém do fantástico cavalo. Depois a mesma sombra montava e partia, com o mesmo sereno trotar de sempre, desaparecendo ao longe, num pinhal que ficava quasi à beira dum regato profundo.

Era o assunto de todas as conversas o estranho caso e era a causa de muitos e muitos sustos. Sucedeu que um

homem do lugar, um pouco mais endinheirado do que os outros, resolveu procurar pelo mundo fora um bruxo ou uma fada que lhe explicasse tão extraordinário assunto. E assim foi. Em dia combinado, o homem partiu e todos ficaram ansiosos de o verem regressar o mais depressa possível.

Passaram-se meses, bastantes meses mesmo. Numa manhã chuvosa e fria, uma manhã de inverno, o homem regressou da longa e fatigante viagem. Foi um dia de alegria na aldeia. Ninguém trabalhou. Reuniram todos em volta duma brazeira, dispostos a ouvir o companheiro, que tinha acabado de chegar. Ele falou assim:

— Depois de muitas semanas de larga e penosa jornada, tomei um caminho que cortava uma paisagem original. As árvores eram todas de setim. Tinham pintadas as folhas. As que tinham frutos, estes ou eram de fino oiro ou de cinzelada prata. Em jardins especiais que estavam suspensos dos ramos dessas árvores maravilhosas, havia plantas que davam as mais bizarras flôres. As aves que gorgearam sobre os ramos macios eram dos mais preciosos metais; o orvalho da manhã era de brilhantes e de pérolas que caíam toda a noite e que poisavam sobre uma relva especial que mais parecia um tapete encantado; o arrebol era feito de largas e lindas colchas de seda vermelha que se debruçavam do cimo das montanhas; o ruído das fontes de água





perfumada, o murmúrio dos bosques, as canções que se ouviam ao longe, vindas de invisíveis bocas, era todo um concerto de música maravilhosa que esquecia as horas e deliciava a alma. Pelas estradas passavam, de vez em quando sombras, sombras apenas, que se não sabia a quem pertenciam e que eu sentia junto de mim. E umas eram de gente que ia a pé, outras de cavaleiros, outros ainda de largos e espaçosos coches. Quando uma dessas sombras de alguém que devia ir a pé, passou perto de mim, resolvi perguntar onde estava e que caminho era aquele pelo qual ia seguindo. Uma boca invisível respondeu: — É o país onde nasce a côr, viandante, um país misterioso e o caminho que segues, leva-te à terra donde vem o Som. Perguntei-lhe depois se todos os que viviam naquele país só tinham sombra e respondeu-me:

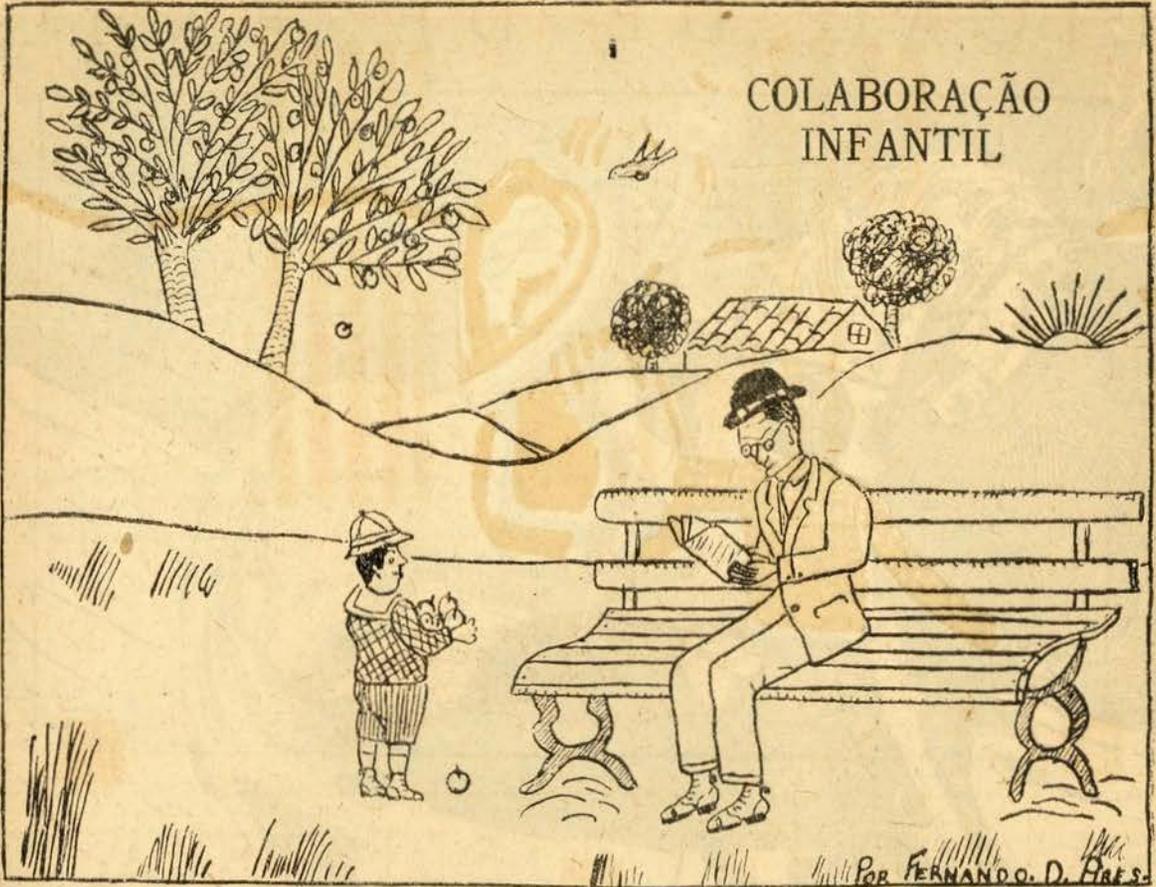
— Sim, viandante. Todos nós somos Côr. A Côr não tem forma. Vê-se apenas. Os olhos é que a veem e somente a ouvem os sentidos de quem a pode ver. Parece que falo mas não falo; não são os teus ouvidos que me escutam, é a tua alma. E dizendo isto, a sombra que eu tinha interrogado desapareceu. Esperei que viesse uma outra sombra. Veiu finalmente. Era rápida como um vôo. Perguntei-lhe notícias do cavaleiro misterioso que visitava a nossa aldeia. Disse-me que, pelos sinais que lhe dava, devia ser o Capitão Sombra, que não era daquele país e que um feiticeiro, que de vez em quando se transforma em coruja, o tinha embruxado de modo a prender-lhe o corpo na casa vermelha que habitava e a deixar-lhe apenas em liberdade, a sombra. Disse-me ainda que o enfeiticera porque se tinha apaixonado pela sua noiva e que, vendo-se preterido, assim se vingara transformando depois a rapariga numa pequena e amarelada cabrinha. Perguntei-lhe a maneira de vencer o maldito feiticeiro. Responderam-me que voltasse eu para trás,

que na 7.<sup>a</sup> encruzilhada que encontrasse à minha esquerda parasse, cortasse os mais altos vimes que ficavam à beira dum riacho e os levasse. Onde quer que batesse com eles dizia-me a sombra, tudo se transformaria como eu desejasse e contra êsses golpes poder nenhum possuía o malvado feiticeiro. Agradei, voltei para trás, parei no local indicado, cortei os vimes, trouxe-os comigo e aqui me tendes agora resolvido a dar fim a êste pesadelo que tanto nos tem atormentado.

Todos lhe agradeceram, o abraçaram e o felicitaram. Numa noite, o homem esperou a chegada do famoso capitão e quando a sua sombra passou mais perto, bateu-lhe com um dos encantados vimes. Súbito tomaram forma cavalo e cavaleiro, o qual, inclinando-se sobre o pescoço do corcel, agradeceu e se dirigiu para a campina. O vime tinha desaparecido. Com o segundo vime, o homem vergastou a cabra. E enquanto ela se transformava numa linda rapariga que abraçava o noivo, agradecia ao seu salvador e o vime desaparecia como com o primeiro sucedera, o referido homem tomou o caminho da casa vermelha em cujas paredes com o terceiro e último vime tocou, aparecendo no seu lugar um sumptuoso palácio cheio de aias e de pagens. Foi esse palácio que o capitão Sombra — assim se chamou toda a vida — e sua noiva, depois sua mulher, passaram a habitar durante muitos anos, dando alegria, felicidade e bem estar àquela aldeia até então assustada e triste. O aldeão que os tinha desencantado, viveu também muito tempo e muito feliz. O feiticeiro nunca mais foi visto.

F I M

COLABORAÇÃO  
INFANTIL



COLISEU

O  
L  
I  
S  
E  
U

O menino  
João Aleixo  
de  
4 anos de idade  
que se exhibe  
actualmente no  
Coliseu dos Recreios  
tocando  
magistralmente  
modinhas  
populares  
portuguêsas



# LIÇÃO DE DESENHO



## AVISO

aos colecciona-  
dores do nosso  
semanário

Já se encontram à ven-  
da as capas para enca-  
derna-  
ção do **PIM-PAM-PUM**  
números 1 a 56 relati-  
vos ao ano de 1926 ao  
preço de

5 escudos

Pedidos  
à nossa Administração

## BIBLIOTECA PIM-PAM-PUM

À VENDA

## AVENTURAS COMICAS

BREVEMENTE

O

VII VOLUME

## OS MEUS CONTOS

PELA MAIS NOVA ESCRITORA PORTUGUESA

MARIA LEONOR LIMA BRANDES

A  
O  
R  
A  
Ç  
Ã  
OD  
O  
B  
É  
B  
É

Por MARIA EMILIA

Desenho de EDUARDO MALTA

**B**ÉBÉ reza, ajoelhado  
na sua linda caminha,  
na sua caminha branca,  
branca como a sua alminha...

Bébé não sabe, esqueceu  
as orações tão bonitas  
que lhe ensinou a mamã;  
mas ajuntando as mãozitas

rechonchudas e rosadas,  
diz baixinho, com fervor,  
esta prece tão singela:  
—«O' meu Jesus Redentor,

meu Deus-Menino inocente  
em quem tenho tanta fé,  
perdoa,—sim?—as maldades  
do travesso do Bébé,

que eu prometo nunca mais  
arreliar a Mamã,  
nem ser guloso, e portar-me  
com juízo amanhã...

Hei-de estudar as lições  
muito atento e sossegado,  
não fazer bulha a brincar,  
nem mentir,—feio pecado...

O' meu Menino Jesus  
lá do Céu, olha por mim,  
e faz com que o Papá  
que é tão meu amigo,—sim?—

me dê aquele cavalo  
de cartão,—que num bazar  
eu ontem vi, quando a «miss»  
me levou a passear...

Eu gosto tanto de ti,  
meu Menino bem-amado!  
Protege os meus bons paizinhos,  
dá-me um sono descansado»...

Bébé adormece, emfim,  
no seu branco leitozinho  
de penas fofas; e sonha  
que Jesus pequerruchinho,

desce, lá dos Infinitos,  
numa réstea de luar,  
e que lhe traz o cavalo  
da «vitrine» do bazar...

E por reinos encantados,  
Tão-ba-la-lão, ba-la-lão,  
Bébé galopa, galopa,  
no seu goso alazão...